



**SUPERINTENDENCIA DE DIVERSIDADES EDUCACIONAIS  
GERÊNCIA DE DIVERSIDADES**

**ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR  
QUILOMBOLA**



**Silval da Cunha Barbosa**

Governador do Estado

**Rosa Neide Sandes de Almeida**

Secretária de Estado de Educação

**Fátima Aparecida da Silva**

Secretária Adjunta de Políticas Educacionais

**Aidê Fátima Campos**

Superintende de Educação Básica

**Catarina de Arruda Cortez**

Superintendente de Gestão Escolar

**Débora Eriléia Pedrotti Mansilla**

Superintende das Diversidades Educacionais

**Ema Marta Dunck Crintra**

Superintende de Formação dos Profissionais da Educação

## **GERENCIA DE DIVERSIDADES EDUCACIONAIS**

**Ângela Maria dos santos**

Gerente

### **Equipe de Assessoria Técnica Pedagógica**

Eva Auxiliadora França

Gisele Marques Mateus

João Bosco da Silva

Leize Lima de Oliveira

### **Autores do texto:**

Ângela Maria dos Santos

João Bosco da Silva

### **Equipe de Colaboradores e/ou de Sistematização:**

Ângela Maria dos Santos

Cervan Gomes Ferreira

João Bosco da Silva

Marcos S. de Souza

Mendes Solange Lemes

Silviane Ramos L.da Silva

## Introdução

*A afirmação da identidade nas comunidades quilombolas  
passa pelo valor da terra e pela especificidade de suas  
expressões culturais.*  
(Glória Moura)

Da mesma forma que outras partes do país, em Mato Grosso, os quilombos foram constituídos de variadas formas e períodos históricos. Atualmente as reivindicações das comunidades por direitos sociais estão presentes no dia-a-dia dos integrantes desses territórios, dentre os quais destaca-se a educação.

O caso das comunidades que compõem o Quilombo Mata Cavalo localizado no município de Nossa Senhora do Livramento/MT é um exemplo. Durante a primeira reunião solicitada pela comunidade, houve reivindicação de pais e lideranças quilombolas em relação à necessidade de organização da escola que atendesse as necessidades locais.

*“Nós queremos que as crianças fiquem aqui na Comunidade,  
que aprendam nossa cultura”*  
(Dona Justina – Comunidade Ribeirão Mutuca).

*“A organização da escola vai facilitar o nosso trabalho de  
orientação a comunidade em relação às questões de saúde,  
sobre nossa história e Cultura [...]”*  
(Laura – Comunidade Ribeirão Mutuca).

Esses depoimentos, afirmam a importância da escola no espaço Quilombola enquanto território histórico e cultural. Nesse prisma, observa-se uma relação histórica de ancestralidade e identidade para além de uma localização dentro dos espaços de campo e cidade. Assim, o processo educativo deve comprometer-se nessa perspectiva de espaços e territórios como lugar de pertencimento.

Os quilombos localizam-se na cidade e no campo, esta última constituindo, a maioria desses territórios. A sobrevivência da identidade espacial de matriz africana no Brasil, na contemporaneidade, está no espaço urbano e rural. No espaço urbano são sítios anteriormente isolados, afastados da área central, os quais, com o processo de expansão das cidades, atualmente estão localizados em áreas urbanas. No espaço rural, esses territórios são espaços resultantes de um processo de isolamento territorial e

continuam afastados dos centros urbanos com localização estratégica e difícil acesso (ANJOS, 2009, p.98).

Para Nascimento (2007, p.43):

As comunidades remanescentes de quilombos possuem dimensões sociais, políticas e culturais significativas, com particularidades no contexto geográfico brasileiro, tanto no que diz respeito à localização quanto à origem. É preciso ressaltar e valorizar as especificidades de cada área de remanescente, quando do planejamento e execução de ações voltadas para o desenvolvimento sustentável desses grupos.

Essas comunidades representam um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional. O fato de o quilombo ter existido como uma lacuna onde se construiu uma sociedade paralela ao sistema escravista, em que negros\as estavam moralmente submetidos, projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural, saberes e conhecimentos quilombolas (Nascimento 2008, p.34).

Dessa forma, apresentamos essas orientações curriculares, na busca de contribuir com a formulação de um processo educativo com especificidade e em consonância com as perspectivas das comunidades remanescentes de quilombos e/ou comunidades negras tradicionais, tanto no campo, quanto na cidade.

### **História e lutas das Comunidades Quilombolas**

Diferentemente do que está impregnado na “memória coletiva” brasileira a respeito das organizações sociais negras como algo recente no processo histórico, observa-se que seu nascedouro deu-se no período colonial, com a utilização de inúmeros mecanismos estratégicos, dentre eles a fuga.

Passado esse período, os militantes negros melhor se estruturam, surge então outras organizações<sup>1</sup> tais como: Imprensa Negra, Frente Negra Brasileira, Teatro Experimental do Negro.

Em 1978 é criado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, assim, as reivindicações e denúncia do racismo da população retornam com mais

---

<sup>1</sup> Observa-se que no século XIX circulavam jornais denunciando a real situação vivenciada pelos negros da época.

força no cenário nacional, juntamente com as denúncias de desigualdades raciais, esse movimento negro também apontava a precariedade da situação da população negra no campo.

A formação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que depois passou a se intitular apenas Movimento Negro Unificado (MNU), contestava a idéia de que se vivia uma democracia racial brasileira, idéia que os militares adotaram na década de 1970 [...]. O surgimento do MNU redimensionou a militância política naqueles anos de ditadura militar. Coube ao MNU contribuir para uma maior organização da militância e convencer os grupos de esquerda da importância e especificidade da questão racial na sociedade brasileira. Nas décadas de 1970 e 1980, diversas outras organizações negras foram criadas (pag. 290-292).

Mas estima-se, que é na década de 80 que as mobilizações das comunidades quilombolas, são recolocadas no cenário nacional, garantindo as especificidades das demandas da população negra no campo. Nessa luta, consta-se o reconhecimento de direito a propriedade definitiva aos remanescentes quilombolas, assegurada pelo Artigo 68 Constituição Federal. Isso possibilitou colocar a problemática da população negra rural como questão nacional. Dentre as problemáticas se apresentam o direito a educação e as especificidades da cultura quilombola.

### **Conceituações de Quilombo**

Para melhor compreender a dimensão de uma proposta educativa escolar com a especificidade quilombola devemos conceituar o termo quilombo. O mesmo é de origem africana que deriva do *quicongo* ou *quimbundo*, com conotações de *sociedade*, *grupo*, *exército*, que é relativo à união. No antigo Congo Angola, o termo designava feiras, mercados e acampamento militar. No Brasil, essa conotação não se distancia, tornou-se “[...] *uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos [...] negros, índios e brancos [...]* (MUNANGA, 2001, p.30).

Os primeiros registros do termo no Brasil ocorreram por volta de 1740 conforme aponta o documento do Conselho Ultramarino, que considerava *toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não*

*tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele*<sup>2</sup>. Essa foi uma definição clássica que perdurou por muito tempo, tornou-se mais abrangente na atualidade.

Atualmente as comunidades quilombolas são reconhecidas pelo Decreto Lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. O seu artigo 2º estabelece que:

“Consideram-se remanescentes de comunidades de quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Conforme a Constituição Federal (1988), em seu Art. 216, os quilombos constituem patrimônio cultural brasileiro porque são portadores de referências à identidade e à memória de um dos grupos formadores da nossa sociedade. O território quilombola, nesse sentido, não pode ser entendido como mera exteriorização do direito de propriedade inserida no campo.

A identificação das comunidades quilombolas não se restringe puramente aos negros descendentes dos quilombos formados antes da abolição. Deve-se considerar as comunidades organizadas no período pós-abolição. Esses negros que ficaram à mercê de toda má sorte, sofrendo todos os processos de discriminação e falta de políticas públicas que os integrassem à sociedade, articularam-se criando estratégias, no sentido de fortalecer a organização social formando novas comunidades. “Nessa fase, a resistência não era mais contra a escravidão em si, que se tornou ilegal, mas sim ao ranço escravocrata que ainda permanecia impregnada na sociedade”<sup>3</sup>.

No período colonial e imperial, os quilombos eram formados, em contraposição à escravidão, por negros e outros oprimidos que fugiam e formavam comunidades alternativas. Os quilombos formados no pós-abolição, decorreram-se em detrimento da não inclusão dessas pessoas no sistema vigente, por isso as famílias dirigiam-se para áreas onde já existiam quilombos, migravam-se para lugares afastados de difícil acesso, terras desabitadas ou às margens das fazendas.

---

<sup>2</sup> Ver Anjos, 2005, p. 27.

<sup>3</sup> Ver o texto *A Propriedade dos Remanescentes das Comunidades Quilombolas como Direito Fundamental* de Alcides Moreira da Gama e Ana Maria Oliveira, disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>

Portanto, as comunidades quilombolas atuais são frutos de variados processos, como:

Fugas com ocupação de terras livres, falidas ou abandonadas, geralmente isoladas; compra de propriedades por escravos alforriados; doações de terras para ex-escravos por proprietários de fazendas em reconhecimento ao trabalho e dedicação prestados a eles; doações feitas por ordem religiosa; pagamento por prestação de serviços em guerras oficiais etc (ANJOS 2009, p.27).

Conceitualmente, “Quilombolas são grupos, com preponderância de população negra rural ou urbana que se intitulam a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias” (HAMZE, 2005, p.34).

Moura (2007, p 12) salienta que, atualmente, podem-se conceituar os quilombos contemporâneos:

Como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade. São também chamadas de comunidades remanescentes de quilombos, terras de preto, terras de santo ou santíssimo.

Uma consideração a ser feita, ainda na identificação das áreas quilombolas, é o fato de que, mesmo após a formação das comunidades, muitos foram forçados a sair da terra de origem, deslocando-se para outras áreas, por causa das forças econômicas e políticas contrárias, as especulações imobiliárias, dentre outros motivos. Também em decorrência do crescimento das cidades acabaram, na atualidade, ficando em áreas urbanas.

Por isso, nem sempre os remanescentes das áreas quilombolas estão ocupando as terras signatárias das resistências negras à escravidão e/ou as lutas para sobreviver no pós-abolição.

Contudo, a identidade cultural quilombola sobrevive na territorialidade. Por isso, no Decreto Federal n. 4.887/03, Art. 2, os critérios adotados para identificação das comunidades remanescentes são, portanto, “a autoafirmação, a relação histórica com



uma determinada territorialidade, a ancestralidade negra, trajetória histórica própria e resistência à opressão sofrida.”

A territorialidade, juntamente com a idéia de pertencimento de grupo, torna-se expressão do processo identitário. Ao mesmo tempo em que a territorialidade expressa a luta pela manutenção da identidade, representa uma forma específica de ordenação territorial em conformidade com os aspectos históricos e culturais vividos pela comunidade, pois estão imbricadas uma a outra de forma a dar unidade aos contrários que dão movimento ao processo da formação da identidade territorial.

O território quilombola, segundo Ratts (2004), trata-se de agrupamento de indivíduos que se reconhecem como pertencentes de uma ancestralidade negra, que passam por variadas reelaborações de suas matrizes culturais, mas que mantêm laços de sentimento de pertença ao grupo.

### **Organização Escolar e Curricular**

É papel da escola organizar-se de forma democrática e com equidade de representação nos espaços deliberativos. A realidade e a forma organizativa das comunidades quilombolas devem estar presentes na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) e na organização do currículo, bem como no desenvolvimento de espaços pedagógicos que propiciem a valorização da identidade quilombola, que possibilite ao aluno (a) conhecer suas origens, pois o reconhecimento/visibilidade da história dos quilombos diz respeito à história e identidade do povo brasileiro.

O currículo, reproduz valores que irão participar da formação de identidade individual e/ou coletiva. Nesse sentido, Moura (2004, p.6) salienta que:

A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e não formal e, no segundo, o saber nem sempre está referenciado na experiência do aluno.

Dessa forma, o papel da Educação Quilombola é mediar o saber escolar com os saberes local, advindo da ancestralidade que formou a cultura do segmento negro na África e no Brasil. Assim, o currículo deve garantir os conhecimentos e saberes quilombolas, tratando sua própria história, formas de luta e resistência como fonte de afirmação da identidade quilombola e nacional.

Segundo Paré & Oliveira (2008, p.218)

Faz-se mister a inclusão efetiva da questão racial nos currículos escolares, reconhecendo a identidade étnica dos alunos negros e a valorização de suas potencialidades, a partir da ancestralidade africana. A escola é um espaço privilegiado de construção de conhecimento e a sociedade brasileira possui uma dívida com relação à reconstrução da identidade e auto-estima da população afrodescendente.

A estruturação da educação para remanescentes de quilombo deve ser pautada nas Diretrizes Curriculares Nacionais em suas etapas e modalidades, ampliando os conteúdos de base comum, garantindo as especificidades próprias para a educação quilombola, abordando as práticas culturais locais que afirmem sua identidade, valores e saberes que atravessaram o tempo.

Outro aspecto é o cumprimento integral através de um currículo que atenda à Lei Federal 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas dos espaços e territórios quilombolas sejam elas no campo ou nas cidades.

Conforme Santos (2006), abordar raça/cor na Educação Quilombola se trata de um instrumento importante de desvelamento das causas da realidade socioeconômica da população negra na atualidade. Trata-se de reescrever e recontar a história que negou ou silenciou sobre a contribuição dos africanos e afro-brasileiros no processo civilizatório do Brasil. Para então confrontar os padrões etnocêntricos presentes na história, cultura e ciência, que considera todo conhecimento científico produzido como contribuição inerente ao grupo branco, desconsiderando outros grupos étnico-raciais e culturais.

Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura afro-brasileira e africana vem corroborar ao afirmar que:

As políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias, a essa população, de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para a continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão (DCN, p.15).

Lopes (2008) observa que, ao traçar objetivos e escolher conteúdos, os currículos também definem estratégias, procedimentos e instrumentos adequados para o desenvolvimento da prática pedagógica. O currículo deve remeter a procedimentos metodológicos que rompam com a estrutura funcionalista e eurocêntrica. Pois, quando a prática pedagógica nega a contribuição africana ou a minimiza diante de outras contribuições, como a indígena, portuguesa e outras, colabora para a continuidade do preconceito em relação à cultura afro-brasileira e, conseqüentemente, limita o conhecimento.

## **Especificidade da Educação Quilombola e Abordagem de Ensino**

### **Aspectos sobre o tempo e espaço escolar**

A organização escolar deve considerar todas as situações positivas e negativas que se apresentam dentro e fora da escola, que interferem no processo educativo dos/as educandos/as, como a localização do quilombo; bem como da escola e sua estrutura; questões como transporte escolar; a dinâmica e conhecimentos referentes à produção agrícola nos quilombos; o público; a cultura local; o número de professores/as e alunos/as, entre outras.

A par dessas situações o tempo e espaço escolar, mesmo sendo elementos culturais próprio da escola, não podem desconsiderar as diversidades presentes no ambiente escolar.

Dessa forma, a escola pode pensar a organização do tempo e espaço escolar, procurando sanar os pontos negativos e utilizar os positivos como elementos que potencializem a organização dos mesmos, a favor da aprendizagem dos/as educandos/as tanto do ensino fundamental quanto do médio.

Assim, questões como a carga horária, a forma organizativa do espaço escolar são integrantes do currículo, esses elementos não são neutros. Pois, conforme a organização do tempo e espaço da escola podem colaborar ou não para um currículo emancipador.

### **Aspectos sobre metodologia: valores afrobrasileiros**

Ao se tratar da perspectiva da inclusão dos valores afro-brasileiros no currículo da Educação Quilombola, não se está criando uma metodologia específica de aprendizagem para esta modalidade de ensino, mas há de se considerar que, obrigatoriamente, ela possui especificidades, portanto, se faz necessário a expansão dos conteúdos e a estruturação metodológica de ensino usual, para a inclusão dos valores afro-brasileiros que constituem a formação desta nação e as especificidades quilombolas.

A escola deve estimular o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem para a produção de conhecimentos, partindo da cultura dos estudantes, estabelecendo diálogo com outras culturas. Dessa forma, o processo educativo, numa perspectiva quilombola, deve ter presentes esses valores afro-brasileiros de maneira que fortaleçam e potencializem a Educação Quilombola.

O processo educativo formal de crianças, adolescentes, jovens e adultos quilombolas requer uma educação diferenciada com estreita relação com a formação identitária, autorreconhecimento, valorização da história e cultura dos negros tanto na África quanto no Brasil, dos quilombos em geral, em especial dos quilombos em Mato Grosso.

A especificidade de abordagens de temas nas áreas de conhecimento, bem como uma dinâmica metodológica de ensino aprendizagem que garanta conhecimentos curriculares da base nacional comum e a parte diversificada relativa às necessidades e realidades quilombolas. Embora haja essa especificidade, a Educação Quilombola não se isola, mas está aberta a diálogos permanentes com os demais campos da educação, pois os quilombos integram à sociedade.

É importante observar que cabe à escola e aos educadores, não somente definir os conteúdos, como também o processo metodológico de aprendizagem que contribua para o conhecimento e vivência dos valores quilombolas na formação humana.

Diante disso, partimos das contribuições de Brandão (2006)<sup>4</sup> ao tratar dos valores civilizatórios afro-brasileiros, como forma de organização de um trabalho pedagógico com a perspectiva afro-brasileira.

---

<sup>4</sup> Em caderno de atividade n.3, do Projeto “A cor da cultura.”

Assim, numa tentativa de contribuir para a construção de uma educação que inclua os valores quilombolas, apresentamos alguns nortes que possam subsidiar o professor quanto abordagem de ensino e metodologias, auxiliando-o em sua prática educativa.

## **Circularidade**

A circularidade é uma marca dos valores africanos e afro-brasileiros.

A questão do círculo, da roda, da circularidade tem uma profunda marca nas manifestações culturais afro-brasileiras, como a roda de samba, a roda de capoeira, as legendárias conversas ao redor da fogueira... No candomblé [...] com o círculo, o começo e o meio se imbricam, as hierarquias, em algumas dimensões, podem circular ou mudar de lugar, a energia transita num círculo de poder e saber que não se fecha nem se cristaliza, mas gira, circula, transfere-se<sup>5</sup>.

Isso traz uma sensível mudança de perspectiva educacional, considerando que a circularidade pode ser compreendida como forma metodológica que permite a integração de conteúdos e dos sujeitos no processo do conhecimento, em que os conteúdos podem ser revisitados em novas condições das fases de aprendizagem e/ou ano com aprofundamentos necessários a estas etapas. Até mesmo a organização da sala de aula deve ser de maneira que todos se disponham dessa forma circular.

Esse valor civilizatório deve ser incluído na organização metodológica do ensino em um ambiente participativo e democrático, que coloca todos em pé de igualdade no processo de aprendizagem.

## **Oralidade**

O valor da oralidade constitui uma fonte importante para garantir a informação e escrita da cultura e história dos negros:

A fala, a palavra dita ou silenciada, ouvida ou pronunciada – ou mesmo segredada – tem uma carga de poder muito grande. Pela/Na oralidade, os saberes, poderes, querereres são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também.

---

<sup>5</sup> Ver em caderno de atividade n.3 do Projeto “A cor da cultura”, p.78.

O conto, a lenda, a história, a música, o dito, o não-dito, o fuxico... A palavra carrega uma grande e poderosa carga afetiva<sup>6</sup>

Os Griots, por exemplo, são contadores de histórias que existem em várias etnias africanas e transmitem a história através da oralidade. Esse valor intrínseco ao processo de aprendizagem da escrita deve ser trabalhado como um elemento importante da herança africana a ser potencializado, pois a oralidade constitui uma autonomia, uma independência para a comunicação, reivindicação de direitos e prática de cidadania.

### **Energia vital (AXÉ)**

Esse valor afro-brasileiro, conceitualmente, assemelha-se ao Axé, que compreende que esta força está presente em todos os seres. Essa compreensão é um dos novos paradigmas científicos. Como bem conceitua Brandão (2006, p.54), Força Vital (Axé):

É uma dimensão interessante, na medida em que revela a circularidade da vida, bem como a sua amplitude. Tudo tem energia vital, é sagrado e está em interação: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo. Todos os elementos se relacionam entre si e sofrem influência uns dos outros. Aqueles que conhecem o poder dessa energia vital já compreendiam bem antes das pesquisas científicas de Lavoisier, que “na natureza tudo se transforma”[...]. O princípio do axé é a vontade de viver e aprender com vigor, alegria e brilho, acreditando na força do presente. Em nada se assemelha a normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis.<sup>7</sup>

Na *práxis* pedagógica o(a) educador(a) deve vislumbrar e acreditar nas capacidades do(a) educando(a) que traz consigo essa Energia Vital. Nesse sentido o facilitador(a) deve estimular abordagens do ensino que permita a ênfase na potencialidade do(a) educando(a) na produção do conhecimento. Tendo em vista que o sentido de *Axé* carrega a concepção de dinamismo, de alegria, de boa energia, de força, de fé na vida que há em si e no outro e na troca dessas energias.

### **Corporeidade**

A corporeidade deve ser considerada no processo de ensino, pois:

---

<sup>6</sup> Ver em caderno de atividade n.3 do Projeto “A cor da cultura.”, p.34.

<sup>7</sup> Em caderno de atividade n.3 do Projeto “A cor da cultura.”, p. 52

O corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneiras, seja através da dança, da brincadeira, do desenho, da escrita, da fala.[...] O corpo é vida, é aqui e agora, é potência, possibilidade. Com o corpo se arma a vida, se vive a existência, individual e coletivamente. Ele traz uma história individual e coletiva, uma memória a ser preservada, inscrita e compartilhada. O corpo conta histórias<sup>8</sup>.

Em se tratando deste mote faz-se necessário a utilização de uma metodologia educacional diferenciada que propicie a inclusão da corporeidade na educação quilombola, que possa explorar as potencialidades do corpo no processo educativo, incluindo práticas pedagógicas e atividades de expressão corporal como forma de aprendizagem.

## **Musicalidade**

A musicalidade contribui na dimensão metodológica em um aspecto importante considerando que:

a música, a sonoridade, a melodia, o ritmo, a canção estão presentes, de modo particular, na cultura e na história afro-brasileira, de tal modo que muitos dos referenciais da musicalidade brasileira são de origem africana<sup>9</sup>

Dessa forma, não podemos deixar de pensar um processo educativo que possa incluir a dimensão da musicalidade, vendo-a como um caminho para compreender a realidade. O repertório musical afro-brasileiro pode colaborar muito como instrumento de aprendizagem sobre nossa brasilidade, da cultura e história negra neste país. No samba, por exemplo, deparamo-nos com aspectos do processo histórico e social de importante influência negra, além do refinamento de arranjo musical e de letras, para retratar as emoções, a realidade brasileira, particularmente do negro.

Quando nos referimos ao valor da musicalidade, ela deve ser considerada na abordagem da aprendizagem como um elemento que nos permite pensar uma metodologia vivaz e alegre, como possibilidade de construção, produção e aprendizagem dos conteúdos de forma prazerosa.

---

<sup>8</sup> Em caderno de atividade n.3 do Projeto “A cor da cultura.”, p. 61.

<sup>9</sup> Em caderno de atividade n.3 do Projeto “a cor da cultura.”p, 41

## **Ludicidade**

Esse valor afro-brasileiro compreende a nossa capacidade de manipular símbolos para representação do real, como brincar, cantar, dançar, dentre outras formas de enfrentar a realidade.

Imaginemos um povo arrancado brutalmente de sua terra, que atravessou o Atlântico em tumbeiros, escravizado, humilhado, mas que não perdeu a capacidade de sorrir, de brincar, de jogar, de dançar e, assim, conseguiu marcar a cultura de um país com esse profundo desejo de viver e ser feliz. Pois isso resume a ludicidade, na perspectiva a favor da vida, da humanidade, da sobrevivência. A alegria frente ao real, ao concreto, ao aqui e agora da vida<sup>10</sup>.

Dentro de um contexto de ludicidade, está impresso o uso de insígnias que favorecem a ligação do real e o simbólico presente nos rituais da cultura dos grupos sociais, como: a dança, a música, o teatro, os fantoches, os bonecos, as máscaras, os jogos e outros. O uso de práticas lúdicas pode servir para sensibilizar a interpretação, leitura e/ou reinterpretação de textos de literatura e outros.

Neste contexto o facilitador desempenha papel essencial no processo de ensino aprendizagem no sentido da valoração e ressignificação dos rituais presentes na cultura quilombola, apropriando-se de recursos lúdicos para respeitar o tempo, ritmo e compreensão cíclica do saber. Esse processo deve ser contínuo e não somente em atividades pontuais e/ou esporádicas, haja vista que as festividades e rituais são manifestações culturais presentes nos espaços e territórios quilombolas devendo, portanto ser exploradas como instrumento educativo.

## **Cooperatividade/Comunitarismo**

Desde o período escravocrata, a cooperatividade e o comunitarismo são princípios importantes utilizados pelos negros(as) para sobreviver e reelaborar sua cultura. A cultura afro-brasileira é originária de diferentes povos africanos que participaram da composição dessa sociedade. Esses grupos partilharam uns com os

---

<sup>10</sup> Em caderno de atividade n.3 do Projeto “a cor da cultura.”, p. 67.



outros seus saberes e tradições, realizando uma miscigenação de elementos étnicos que refletem em nossa cultura e identidade nacional.

Assim, o/a educador/a deve considerar os aspectos conceituais e culturais da cooperatividade/comunitarismo de forma holística no processo de ensino aprendizagem, para que as atividades sejam desenvolvidas no princípio da coletividade, da partilha e da solidariedade orgânica<sup>11</sup>.

## **Memória**

*Memória Coletiva* assim como *energia vital* faz-se essencial como instrumento educativo para diferenciadas comunidades quilombolas tornando-se vivo o sentimento de pertença e orgulho das nossas origens africanas. Neste contexto, rememorar a ancestralidade e ressignificar as identidades garantirá que os valores das africanidades na formação da humanidade sejam fundantes na composição da sociedade brasileira. O trabalho com a Memória Coletiva deve ser estimulado, no sentido de propiciar diferentes metodologias que remetam às contribuições africanas e afro-brasileiras.

## **Religiosidade**

A Religiosidade é uma percepção de mundo e de relação com o outro independente da religião. Compreendendo que:

Religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo. A propósito, em tempos de tanta violência gratuita, vale pontuar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro. Tudo é sagrado, é divino. Todos os elementos da natureza, todos os seres<sup>12</sup>.

Nessa perspectiva, a abordagem de ensino deve considerar práticas que resultem em aprendizagem de valores, convívio com as diferenças, fortalecimento da ética, perseverança, respeito a todos os elementos da natureza. A educação escolar

---

<sup>11</sup> Ver Durkheim David Emile Coleção Grande Cientistas Sociais, São Paulo Editora Ática, 2004. *Éducation et Sociologie*. Paris, F.Alcan. São Paulo Melhoramentos [s.d.].

<sup>12</sup> Em caderno de atividade n.3 do Projeto “a cor da cultura”, p. 31

quilombola deve compreender que as religiões de matriz africana, especialmente o candomblé, constituem-se em um espaço de resistência negra e uma reinvenção de África no Brasil para aqueles que foram arrancados de suas terras.

### **Ancestralidade**

Quanto à ancestralidade, Lopes (2004, p. 28) salienta que “todo ser humano constitui um elo vivo, ativo e passivo, na cadeia da força vital, ligado acima, aos vínculos de sua linhagem ascendente e sustentado abaixo de si a linhagem de sua descendência”.

A ancestralidade é uma dimensão importante a ser considerada no currículo, das escolas quilombolas. Preveem-se, nessa dimensão, atividades que explorem os conhecimentos e sabedorias ancestrais que contribuam para a formação da identidade quilombola.

### **Referenciais Curriculares**

A centralidade da educação escolar quilombola está na história e na cultura negra, cuja manifestação se dá nos conhecimentos e saberes tradicionais, música, credos, estética, culinária, gostos, paladares, forma de organizar e sociabilizar.

A educação quando inclui a cultura africana torna evidente o conhecimento desse povo, ou seja, a soma de saberes contribui para o arcabouço científico e tecnológico, atualmente usufruído por variadas culturas, dentre elas a brasileira.

Não se pode negar também que “os saberes tradicionais e os costumes passados e perpetuados através das gerações, historicamente estruturaram o ciclo de vida das comunidades quilombolas e norteiam, atualmente, a estrutura social”. (OLIVEIRA, 2007, p.15)

Essa realidade deve ser reconhecida e valorizada na escola. A falta de conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira tem produzido silenciamento e/ou equívocos sobre a contribuição africana para a sociedade.

Portanto surge a necessidade de se focar nas escolas quilombolas, que os negros trazidos para o Brasil vieram em diferentes épocas de colonização e diversas partes da

África, foram distribuídos estrategicamente pelo colonizador europeu em várias partes do país, o que contribuiu para construção de linguagens regionais.

O domínio da língua oral e escrita é uma ferramenta importante para a participação social dos indivíduos, o seu ensino deve garantir os saberes linguísticos indispensáveis para o exercício da cidadania na afirmação da identidade.

O povo brasileiro é reconhecido mundialmente pela sua hospitalidade, irreverência, alegria, senso de coletividade, entre outros, uma característica que imprime um dos elementos da identidade nacional.

Não há no Brasil, como em outras regiões da *diáspora*, uma cultura tal qual a da África, ou seja, uma cultura original, transplantada do continente africano para cá. Houve, sim, uma reelaboração dos elementos culturais africanos, a qual ocorreu à parte dos acontecimentos históricos do país. Por isso, a cultura negra tem um conteúdo de resistência, de contraposição e denúncia, considerando toda a luta histórica do(a) negro(a) para sobreviver e contrapor-se a um sistema que o(a) colocava como um ser biológica e culturalmente inferior.

A História do(a) negro(a) no Brasil é marcada por lutas, insurreições e resistências de variadas formas. Nesse contexto, o(a) negro(a) constrói uma estrutura paralela no sentido de burlar o sistema vigente para sobreviver à escravidão e preservar os componentes culturais presentes nos valores, nos costumes e religião, como por exemplo, as Irmandades e Quilombos.

Assim, sugere-se que os temas abordados nas áreas de conhecimento devem levar às aprendizagens sobre a cultura negra, promovendo o fortalecimento da identidade cultural e étnicorracial dos quilombolas.

A abordagem dessas temáticas, deve trazer um enfoque diferenciado do que comumente é tido como história oficial sobre o negro, isto é, visto somente pelo prisma da escravidão. O(a) educador(a) neste contexto deve propiciar olhares múltiplos para outras faces da história promovendo o protagonismo do(a) negro(a) no processo histórico brasileiro em sua composição identitária e contribuições fundantes desses grupos étnicos. É preciso ainda mencionar a diversidade dos africanos que vieram para o Brasil, seus conhecimentos e saberes culturais e tecnológicos tais como; agricultura, engenharia, medicina, arquitetura, artes e outros. É importante considerar que além de introduzir técnicas de produção na mineração, os(as) negros(as) contribuíram significativamente na agricultura com técnicas de plantio rotacional, técnicas estas empregadas até os dias atuais.

É pertinente que no processo educativo haja uma práxis pedagógica que ganhe *mentes e corações* sendo esta uma constante para a efetividade na produção do conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, formando para o exercício da cidadania. Para tanto, os direitos e a legalização dos espaços e territórios no campo ou cidade devem constar como componentes curriculares na educação escolar quilombola.

Para os anos iniciais da escola organizada por Ciclos de Formação Humana, é importante realizar um trabalho pedagógico com ênfase no lúdico, na inserção dos conteúdos sobre as africanidades na cultura brasileira. Sobretudo, nos espaços e territórios quilombolas as contribuições dos(as) anciões(as) devem torna-se instrumentos educativos para composição da escrita e história local. Haja vista que a oralidade é uma herança que deve ser explorada pelo facilitador nas desconstruções e construções da imagem do negro na sociedade brasileira.

O processo de aprendizagem no Ensino Fundamental na perspectiva do Ciclo de Formação Humana, em consonância com os eixos estruturantes; **conhecimento, trabalho<sup>13</sup> e cultura** também integrantes do Ensino Médio visam a formação crítica cidadã. Somado a esses, a educação escolar quilombola tem como especificidades de eixos a Ancestralidade; Trabalho, Autonomia e Tecnologia Social<sup>14</sup>; Território, Diversidade Cultural e Sustentabilidade; Diversidade de conhecimentos, os quais garantem a qualidade de ensino aprendizagem dos(as) educandos(as) quilombolas.

## **Ancestralidade**

Esse referencial, remetem pensar a educação escolar, o currículo, a organização e ensino de conteúdos no processo educativo, em que a ancestralidade perpassa nos variados saberes, técnicas, forma de religiosidade, nos conhecimentos e saberes quilombolas, na produção de bens materiais e imateriais e elementos culturais africanos reelaborados na diáspora. Essa visão da ancestralidade estabelece práticas educativas e conteúdos significativos para a formação intelectual e identidade negra. Isso facilitará o reconhecimento, valorização e aprendizagens de conhecimentos ancestrais africanos no conjunto de conhecimentos elaborados pelos diversos grupos

---

<sup>13</sup> Trabalho é compreendido, na afirmação de Kuenzer, ‘como práxis humana e não apenas como prática produtiva, mas, como uma das ações materiais e espirituais, que os seres humanos, individual e coletivamente desenvolvem, para construir suas condições de existência’.

<sup>14</sup> Tecnologia aliada ao saber popular, que trata de conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida. (SANTOS, 2009; p.61)

étnicos e raciais na formação e história da humanidade. Assim, a ancestralidade também, cumpre um papel significativo no processo de aprendizagem em conexão com a **identidade** negra e quilombola.

### **Trabalho, Autonomia e Tecnologia Social**

A qualidade da formação dos estudantes considerando as dimensões sócio-político-produtiva. Educação escolar quilombola deve considerar o trabalho enquanto princípio educativo e autonomia, na qual a tecnologia social deva desenvolvida enquanto conhecimento e pesquisa a serviço da comunidade, interrelacionando ciência e saber tradicional ao conhecimento científico significativo para a comunidade quilombola.

### **Território, Diversidade Cultural e Sustentabilidade**

O conjunto desse referencial relaciona-se a currículo que contemple a diversidade cultural dos quilombos e sua inferência na dinâmica das comunidades, que qualifica o território como espaço educativo para fortalecimento identitário, de direito para vivências sustentáveis. Permite ainda, aprendizagem sobre a diversidade cultural presente em nosso país. O espaço e território quilombola é lugar de resistência étnica e cultural, que deve ser pensada como base para conduzir conhecimentos que leve a praticas de sustentabilidade social e ambiental dos quilombos.

### **Diversidade de Conhecimento:**

A inclusão de conhecimentos diversos, considera as variadas formas produção de conhecimento dos grupos de humanos para entender, inferir na sua realidade. Esse eixo reivindica garantia de acesso a vários conhecimentos pelos estudantes, possíveis de serem utilizados na resolução de problemas. As áreas de conhecimentos devem possibilitar aprendizagens que considere os saberes e conhecimentos dos alunos e as diferentes visões de mundo dos grupos sociais possuem para interpretar, analisar e produzir ciência.

Dentre os conteúdos que inserem nesses eixos e/ou referenciais abará temas que possibilitaram a afirmação da identidade e consciência negra, cidadania e ética, conhecimentos e saberes quilombolas, relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira e africana,

Cabe à escola e ao professor(a), dos espaços e territórios quilombolas quando da seleção dos temas, atentar para a realidade dos(as) alunos(as) e ao nível de aprendizagem, de forma que os conteúdos ofereçam contribuição real, identifiquem e valorizem os elementos da produção negra no construto social, político, intelectual nas sociedades que compõem a diáspora africana, incluindo o Brasil.

As religiões afro-brasileiras pertencem ao patrimônio cultural do povo, trata-se de espaço histórico de luta e resistência para a construção de um dos fragmentos da identidade negra. Por conseguinte, trata-se da história brasileira e, por isso, deve ser estudada no ensino básico. A religiosidade constitui-se numa das várias contribuições africanas da sociedade brasileira, portanto deve ser reconhecida, valorada e abordada sob o prisma da cultura, pois a mesma apresenta-se como um campo híbrido de construção de identidade no qual emergem novas estratégias de organização que apontam perspectivas para a educação pluricultural.

Compete ao(a) educador(a) adotar a prática de professor(a)-pesquisador(a) desenvolvendo atividades metodológicas que levem à problematização das questões abordadas nas áreas de conhecimento, bem como estabelecer eixos temáticos para o desenvolvimento dos conteúdos. Tanto o(a) educador(a) como o(a) educandos(as) são co-participantes do processo de aprendizagem, na busca da autonomia do saber.

Os conteúdos abordados nas áreas de conhecimento da educação básica devem ser os mesmos previstos nas Diretrizes Nacionais e Orientações Curriculares para o Estado de Mato Grosso, acrescidos dos conteúdos e/ou disciplinas necessárias para tratar as especificidades quilombolas e para a educação das relações étnicorraciais.

### **Referenciais para a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias**

Essa área reúne disciplinas importantes que podem contribuir com a ampliação de conhecimentos referentes à história e cultura afro-brasileira e africana.

A História é de grande importância para a percepção e valorização das semelhanças e diferenças no tocante às formas culturais africanas, que deram base à cultura afro-brasileira. Além dos conteúdos curriculares da Educação Básica, deve-se trabalhar à história e cultura dos quilombos locais, enfatizando a origem dos africanos e seus descendentes que se espalharam pelo país em especial no estado de Mato Grosso.

No Brasil colonial e imperial, os quilombos resguardavam semelhança com a forma organizativa territorial existente na África Meridional. Tinham a proposição de outra estrutura política, aberta a todos os grupos que se encontravam oprimidos na sociedade. Por isso, era comum a presença de indígenas e brancos pobres nesses quilombos.

Não existe uma estimativa certa do aparecimento dessas organizações. O fato é que onde havia escravizados, surgiam quilombos como formas de resistência negra.

De uma forma geral, os pesquisadores são unânimes em afirmar que entre todas as formas de luta contra a escravidão, a mais ousada e desafiadora, foram os quilombos. Essa forma de resistência, os negros já praticavam desde a África, como forma de obter dignidade e respeito humano.

Se nacionalmente o Quilombo de Palmares, situado no atual estado de Alagoas, é referência da resistência e organização negra contra a escravidão, em Mato Grosso, tem-se o Quilombo de Quariterê e-ou Quariteté como a grande referência na região. Esse quilombo localizava-se na região do Alto Guaporé, nos arredores da vila-capital (Vila Bela da Santíssima Trindade), e teve inicialmente em José Piolho, seu líder. Com sua morte, assume a liderança sua mulher, Teresa de Benguela, que passa a ser chamada pelos quilombolas de rainha Tereza.

No momento em que houve o desmonte desse quilombo em 1791, governava a capitania de Mato Grosso o capitão general João de Albuquerque de Melo Pereira de Cáceres, que, com apoio da elite local, da Câmara de Vila Bela da Santíssima Trindade e sob o comando de Francisco Pedro de Melo, marchou contra o Quariterê e-ou Quariteté dizimando-o. No seu interior, foram encontrados em abundância víveres e comestíveis. É interessante destacar, que além de negros, havia também presença de índios da nação cabixi, crioulos e caburés no território do Quariterê e-ou Quariteté, provando, com isso, que havia uma diversidade de cultura e ideias naquele espaço de resistência.

O Quilombo do Quariterê e-ou Quariteté, não foi o único de que se tem notícia em Mato Grosso, porém é o mais conhecido, devido ao alferes de dragão Francisco Pedro de Melo, o comandante que liderou a destruição desse quilombo, ter escrito um Diário de Diligência, onde ele relata o dia-a-dia da destruição. Essa obra foi republicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 2001.

A fuga para os quilombos não foi a única maneira de resistência buscada pelos(a) negros(a), outras formas sutis individuais e coletivas foram utilizadas, dentre elas está o ingresso nas irmandades negras.

### **Referenciais sugeridos:**

#### **História**

- Impérios africanos pré-colonial;
- Organização dos quilombos no Brasil;
- Legalização das terras quilombolas;
- Formas de organizações negras na África e diáspora;
- Contribuições africanas e afro-brasileiras na formação do País;
- Os quilombos em Mato Grosso.

#### **Geografia**

- Continente africano;
- Espaços e territórios quilombolas no campo e cidade;
- As questões socioeconômicas nos territórios quilombolas;
- O espaço dos antigos quilombos e os ciclos econômicos coloniais;
- Cartografia étnico-racial;
- Clima e o comportamento da natureza.

#### **Sociologia**

- Ancestralidade africana e cultura afro-brasileira;
- A construção social das ideias racistas;
- Aspectos sociais e culturais nos espaços e territórios quilombolas;
- Certificação e Titularização dos espaços e territórios quilombolas;
- Especificidade histórica e cultural dos quilombos;
- A religiosidade nos quilombos.

#### **Filosofia**

- Cosmologia e a visão de mundo dos diferentes povos da diáspora;



- Desconstrução dos estereótipos, estigmas racistas no Brasil;
- Mecanismos de inclusão;
- Diversidades e o espaço escolar.

### **Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias**

As inúmeras contribuições africanas na medicina, arquitetura e tecnologias agrícolas, proporcionaram notáveis mudanças para a sociedade. Nesse sentido faz-se necessário o(a) professor realizar práticas pedagógicas que vislumbre esses conhecimentos e saberes. Essa abordagem pode ser feita tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio.

#### **Temas sugeridos**

##### **Matemática<sup>15</sup>**

- Etnomatemática;
- Biografias de africanos/as e afrodescendentes
- Contribuições africana na arquitetura e na engenharia;

##### **Física e Química:**

- A civilização africana e seus conhecimentos na área da física e química;
- Os conhecimentos na área de química e física utilizados nos quilombos

##### **Biologia:**

- África: berço da humanidade;
- Construção da ideia de raça e o racismo;
- Adaptações do ser humano no meio ambiente;
- Genética: Diferenças fenotípicas;
- Cultura religiosa africana e natureza;
- Saúde e caracteres hereditários;
- Conhecimentos medicinais das populações negras;

---

<sup>15</sup> Adaptado do livro Educação das Relações Étnico-raciais de Rosa Margarida de Carvalho Rocha.

- Racismo ambiental<sup>16</sup>;
- Plantas medicinais e base alimentar utilizadas pelos povos quilombolas;

### **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**

Essa área de conhecimento pode contribuir enormemente para a visibilidade e valorização das heranças africanas nos elementos linguísticos, artísticos, estético e corporeidade.

#### **Temas sugeridos:**

#### **Língua Portuguesa**

- As reminiscências africanas no cotidiano do linguajar brasileiro e regional;
- Linguagem como expressão de valores e conceitos;
- Autores africanos, afro-brasileiros e suas manifestações nos quilombos;

#### **Educação Física**

- Elementos culturais ligados e expressões corporais advindas dos grupos étnico-raciais;
- Práticas esportivas nas diversidades culturais quilombolas; Jogos, brincadeiras, capoeira e outros;

#### **Artes**

- Patrimônio cultural material e imaterial;
- Estética e técnicas africanas na arte brasileira;
- As técnicas de ourivesarias como heranças africanas em algumas regiões do território brasileiro;
- Manifestações culturais: música, literatura, base alimentar, culinária, religião, danças, e outras.

#### **Língua Estrangeira**

---

<sup>16</sup> Conceito que advém da constatação da distribuição desigual de acesso aos recursos naturais que desdobram em injustiças sociais e ambientais de forma desproporcional sobre as populações negras, indígenas e pobres.

- Línguas oficiais e maternas dos países africanos considerando sua influência no território brasileiro;

### **Parte Diversificada: Ciência e Saberes Quilombolas**

A inclusão da parte Diversificada no currículo das escolas quilombolas, se delinea a partir das discussões em torno da realidade social e cultural das comunidades. Com esse objetivo foi pensada esta “área de conhecimento” denominada de **Ciências e Saberes Quilombolas**. Integrada pelas disciplinas: **Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola, Prática em Técnica Agrícola Quilombola e Prática em Tecnologia Social**.

Cabe observar que as questões gerais sobre a cultura, história africana, afrobrasileira e quilombola serão tratadas em todas as áreas de conhecimentos de base comum da Educação Escolar Quilombola.

Assim, a parte Diversificada que compreende Ciência e Saberes Quilombolas com suas respectivas disciplinas visam a potencialização da aprendizagem a partir dos conhecimentos manipulados nas comunidades, somado as abordagens a outras três Áreas de Conhecimento (Linguagem, Ciências Humanas, e Ciências da Natureza e Matemática) para contribuir com ações significativas que contribuam em práticas de cidadania na inferência da realidade local.

O processo de aprendizagem é caracterizado pela integração e continuidade de conteúdo/prática de conhecimentos. Cabendo ao 3º ciclo do Ensino Fundamental, a introdução dos conteúdos/ práticas de conhecimentos previstas para cada disciplina, devendo ser concluído no ensino médio:

#### **DISCIPLINA: PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL**

##### **Eixos Articuladores:**

- 1- Introdução: O que é Tecnologia
- 2- História da Tecnologia no Mundo;
- 3- Introdução a Tecnologia Social – O que é Tecnologia Social;
- 4- As invenções que mudaram a história da humanidade;
- 5- Tecnologia Social e Vivências Cotidianas;

- 6- Tecnologia Social e Conhecimento Tradicional;
- 7 – Tecnologia Social x Tecnologia Convencional;
- 8 – Tecnologia Social e Direitos Humanos.
- 9 – Aprendendo a Montar Projetos em Tecnologia Social

- 1 - Pensando a Sustentabilidade do Planeta Terra;
- 2- Introdução a Tecnologia Social no Brasil;
- 3 - Tecnologia Social e Sustentabilidade;
- 4 – O Trato do Solo: Idéias e Práticas Sustentáveis para trabalhar com o solo;
- 5 – Pensando o uso dos Recursos Hídricos e Tecnologia Social;
- 6– Alimentação Saudável como prática de Tecnologia Social;
- 7- Tecnologia Social e Direitos Humanos.
- 8 - Projetos Experimentais em Tecnologia Social;

- 1 – História das Técnicas Agrícolas e de Plantio em espaço quilombola;
- 2 – Introdução ao Cooperativismo e Agricultura Familiar;
- 4 – Agro Ecologia como prática de Tecnologia Social;
- 5 - Vivendo e habitando em região quilombola: Habitações Sustentáveis;
- 6 – Energia Limpa e práticas tecnológicas sociais;
- 7 – Projetos Experimentais em Tecnologia Social.
- 8- Tecnologia Social e Direitos Humanos.

#### **DISCIPLINA: PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA**

- 1 – Introdução: O que é Cultura;
- 2 - História da Cultura como História da Humanidade: Arte e Artesanato na Pré-História;
- 3 – Cultura Popular e a Práxis Artesanal;
- 4 – Práticas Artesanais e Cotidiano;
- 5 - Práticas Artesanais na África Atlântica pré-colonial;
- 6 – Arte e Cultura em espaço quilombola: vendo, aprendendo ;
- 7 – Projetos Experimentais de Cultura e Artesanato em Espaço Quilombola.

- 1 – Introdução: A cultura em espaço quilombola;
- 2 – O direito de saber: resgatando saberes artesanais e culturais em espaço quilombola;

- 3 – Arte de Ser e Arte de Fazer: o artesanato quilombola como fonte de renda;
- 4 – Festas e Vivências Culturais em espaço quilombola;
- 5 – Turismo Cultural em espaço de Quilombo;
- 6 - Projeto de Cultura e Artesanato em Espaço Quilombola.

- 1 – Introdução: Produção e Comercialização de artesanato quilombola: Feiras, Eventos e Negócios;
- 2 - Técnicas de Vendas de Artesanato Quilombola;
- 3 – Produção Venda e Comercialização de Artesanato Quilombola;
- 4 – Cooperativismo em Artesanato Quilombola;
- 5 – Introdução a Economia Solidaria, Venda e Comercialização de Artesanato;
- 6 – Projetos de Cultura e Artesanato em Espaço Quilombola.

#### **DISCIPLINA: PRATICAS EM TÉCNICAS AGRÍCOLAS**

- 1 – História da Arte do Plantio no decorrer da história da humanidade;
- 2 – A Revolução Agrícola;
- 3 – Técnicas de Plantios na África Atlântica Pré- Colonial;
- 4 – Saberes africanos e técnicas de plantio;
- 5 – Introdução ao Sistema de Mutirão e o uso do solo em espaço quilombola;
- 6 – Introdução ao Cooperativismo e produção agrícola;
- 7 – Projeto de Técnicas Agrícolas em Espaço Quilombola.

- 1 – Introdução a Agricultura Familiar;
- 2 – Arte de Plantio em Espaço Quilombola;
- 3 – Resgatando Saberes: Arte do Cultivo do Solo em Espaço Quilombola;
- 4 – Sustentabilidade e Técnicas de Produção Agrícola em Espaço Quilombola;
- 5 – Produção e Comercialização;
- 6 - Questões Agrárias em território quilombola;
- 7- Projetos Experimentais em Técnicas Agrícolas em Espaço Quilombola.

## **Ensino Médio Integrado a Educação Profissional (EMIEP) na Educação Quilombola**

Constituem-se como dimensões centrais do Ensino Médio e Ensino Médio Integrado a Educação Profissional, **Ciência, Cultura e Trabalho**, os quais propiciam questões importantes para nortear o *fazer pedagógico* na Educação Quilombola, tais como:

- De que forma se pode integrar as dimensões *Ciência, Cultura e Trabalho* considerando a Educação Escolar Quilombola?
- Que estratégias pedagógicas podem favorecer a Educação Quilombola voltada para o mundo do trabalho, sem criar antagonismos entre a cultura local e cultura escolar?

Para Ramos (2004), o trabalho como princípio educativo no Ensino Médio possui duplo sentido, de origem ontológica e histórica que supera a dualidade entre formação básica e profissional. O trabalho na perspectiva ontológica faz a integração curricular ao possibilitar a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, como conhecimentos construídos e apropriados socialmente para a transformação das condições naturais da vida e ampliação das capacidades e potencialidades humanas.

Na perspectiva histórica, o trabalho propicia no processo educativo uma participação direta dos envolvidos. A essa concepção associa-se a *ciência* como conhecimento que é produzido e legitimado, na procura de compreender e transformar os acontecimentos naturais e sociais. Nesse aspecto, comporta, então, um sentido conceitual e metodológico que permite a construção e superação dos conhecimentos para diferentes gerações.

No tocante à formação escolar, a perspectiva educativa do EMIEP ganha, nos pressupostos da educação quilombola, um aspecto no que refere ao empoderamento dos sujeitos do processo educativo, de forma que venha contribuir à emancipação individual e/ou coletiva dos sujeitos pertencentes às comunidades.

Para Santos (2006, p. 04):

A educação profissional no espaço quilombola, seja em qualquer dos cursos técnicos profissionais deve levar aos educandos além da qualificação profissional, a consciência negra e política sobre a realidade de seu segmento na sociedade e particularmente no mundo do trabalho, uma das áreas que mais se concentra as desigualdades raciais.

Por fim, o trabalho como princípio educativo nesse contexto passa a ser compreendido como premissa ética e política, sendo respectivamente um direito e um dever que fundamentem as práticas pedagógicas do EMIEP.

### **Estrutura curricular**

A educação atrelada ao mundo do trabalho em espaços e territórios quilombola deve considerar as questões de discriminação racial, presente nas relações sociais. Cabe à escola assegurar que o currículo concilie o saber científico escolar, os saberes ancestrais e conhecimentos locais. Assim, o currículo do EMIEP, associado à Educação Quilombola, deve considerar:

- a) Formação pessoal e profissional numa perspectiva humanizadora e crítica para o exercício da cidadania em todos os espaços sociais;
- b) Integração das áreas do conhecimento, considerando os aspectos culturais, afro-descendência e históricos dos quilombos;
- c) Realidade dos quilombos, os aspectos sociocultural, político e econômico de forma micro e macro;
- d) Correlação entre teoria e prática, de forma interdisciplinar;

### **Referenciais temáticos**

Acresce aos eixos e/ou referenciais (Ancestralidade; Trabalho, Autonomia e Tecnologia Social; Território, Diversidade Cultural e Sustentabilidade; Diversidade de conhecimentos) para a educação quilombola os temas a serem abordados devem ter foco

nas áreas de conhecimento, em sua integração do currículo, que atenda à formação básica e profissional:

- Cultura e Biodiversidade;
- Saberes e Conhecimentos Quilombolas;
- Multiculturalismo e Africanidades;
- Diversidade de Gênero e Sexualidade;

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANJOS, Rafael Sanzio dos. **Quilombos: geografia africana – cartografia étnica territórios tradicionais**. Brasília: Mapas Editora & Consultoria: 2009.

\_\_\_\_\_. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos no Brasil**: primeira configuração espacial, Brasília: edição do autor, 2005.

BARCELLOS, César Mario, **Os Orixás e o sagrado da vida: Lógica, Mitologia e Ecologia**. 2ª ed., Rio de Janeiro-RJ: Pallas, 1995.

BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**, v. 3: modos de interagir. RJ. Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Quilombola**. Brasília: Salto para o Futuro. Boletim n. 10, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/SECAD. **Diferentes Diferenças**. MEC, 2008.

BRASIL. **PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

BRASIL. QUILOMBOS NO BRASIL. *Revista Palmares*. Brasília: Fundação Cultural Palmares. n. 5, nov. 2000.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humano. **Cartilha Diversidade Religiosa e Direitos Humanos**. Livro 3 e 7. Brasília-DF: SEDH, 2004.

BRASIL. **Decreto Lei n. 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em:



<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/2003/D4887.htm)> Acesso em: 18/10/2009.

BRASIL. **Constituição Brasileira de 1824.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)> Acesso em: 24/07/2008.

CÁCERES, Florisval. **História Geral.** São Paulo – SP: Moderna, 1988.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** Rio de Janeiro-RJ: Pallas, 2005.

DURKHEIM, David Emile **Coleção Grande Cientistas Sociais,** São Paulo Editora Ática, 2004.

Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira de 1971.

Lei de Diretrizes e Base da Educação brasileira de 2005.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo : diversidade e currículo / organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1992.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira.** São Paulo. 2008.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Cultos aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-brasileiras.** Rio de Janeiro-RJ: Pallas, 2004.

MOURA, Gloria. **Os quilombos contemporâneos e a educação. Humanidades,** Brasília: Editora UnB, n. 47, v. 10, nov. 1999.

\_\_\_\_\_. (org). **Educação Quilombola** In: *Boletim n. 10*, RJ: Salto para o Futuro, 2007.

OLIVEIRA, Barbara. **Saberes Tradicionais de Saúde. Educação Quilombola.** In: *Boletim n. 10*, RJ: Salto para o Futuro, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico dos quilombos em África.** In: MOURA, Clóvis (Org.). *Os quilombos na dinâmica social do Brasil.* Maceió: EDUFAL, 2001.

\_\_\_\_\_. **Para entender o negro no Brasil de Hoje: histórias realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global: 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.** *Afrodíaspóra n.º.6-7*, 2008, p. 41-49.

NEGRINE, Airton. **O Lúdico no Contexto da Vida Humana: da primeira infância à terceira idade.** In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil Elementos para uma filosofia afro-descendente.** Curitiba-PR: IPAD, 2006.

PARE, Marilene Leal; OLIVEIRA, Luana Paré de and VELLOSO, Alessandra D'Aqui. A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO). *Cad. CEDES [online]*. 2007, vol.27, n.72, pp. 215-232. ISSN 0101-3262.

RATTS, Alecsandro J.P. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. In: **Revista Espaço e Cultura N.º. 17-18**, Rio de Janeiro, NEPEC/UERJ. 2004.

ROCHA, Maria José; PANDOJA, Selma (Org). **Rompendo silêncios: História da África nos currículos da educação básica.** Brasília-DF: DP Comunicações Ltda., 2004.

O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. A história do Negro no Brasil.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Identidade e Cultura Afro-Brasileira.**/ Ângela Maria dos Santos; Vanda Lúcia Sá Gonçalves & Maria Lúcia Rodrigues Müller (org.). Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2009.

\_\_\_\_\_. *Falando sobre Cor/Raça em sala de aula.* In: **Trabalhando as Diferenças na Educação Básica: Lei 10.639/03 no município de Cuiabá.** Cuiabá-MT: Documenta – NEPRE/UFMT, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da teoria do branqueamento às relações étnico-raciais.** Cuiabá: KCM Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação Escolar Quilombola: construindo uma especificidade educativa.** In: SANTOS, Angela Maria dos; SILVA, João Bosco da (orgs.). *Educação em Diálogos com a Diversidade.* Cuiabá: KCM Editora, 2010.

SANTOS, Ângela Maria; SILVA, João Bosco da. (Orgs.) **História e Cultura Negra: Quilombos em Mato Grosso**. Cuiabá – MT: SEDUC/MT, 2008.

SANTOS, Marli P. dos S. **O lúdico na formação do educador**. Vozes: Petrópolis, 1997.

VEIGA, I. P. A. **Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico**. In: VEIGA, I.P. A; RESENDE, L. M. G. (Orgs.). *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 6 ed. Campinas: Papirus, p.09-32, 1998.

\_\_\_\_\_. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.